

A vanguarda do atraso

Quem freqüentasse as sessões do Congresso Constituinte brasileiro em 1987 e 1988 sairia sempre com a impressão de que nove entre dez de seus participantes acreditavam, no que se refere à gestão da economia, na supremacia do Estado sobre a iniciativa privada. Quem acompanha o noticiário sobre a sucessão presidencial, hoje, tem a sensação oposta: oito, senão nove entre dez pretendentes ao cargo atualmente ocupado por José Sarney, fizeram profissão de fé liberal e passaram a ver na privatização das estatais o caminho mais curto para sair da crise econômica.

Guilherme Afif Domingos, do PL, é talvez o pregador mais antigo, entre os presidencialistas, das excelências da economia de mercado. Paulo Maluf, do PDS, já disse até ter a pretensão de ser uma espécie de versão masculina da sra. Margaret Thatcher. O principal estrategista econômico do PDT de Leonel Brizola, deputado César Maia, escreveu elogios rasgados à política privatista adotada pelo candidato a presidente da Bolívia, Gonzalo Sánchez de Losada. Na semana passada, o senador Mário Covas, do PSDB, em discordância com seu passado de líder da bancada majoritária do PMDB, responsável pela Constituição estatizante e cor-

porativista, fez uma profissão de fé que poderia ser assinada até por antigos liberais de carteirinha, como o senador Roberto Campos, do PDS.

Agora, no time dos presidencialistas convertidos ao liberalismo econômico só está faltando mesmo o teimoso candidato da extrema esquerda, deputado Luiz Inácio Lula da Silva, do PT. Pois o comunista Roberto Freire, nas pegadas de Mikhail Gorbachev, passou a aceitar o pragmatismo da *perestroika* russa. Fernando Collor de Mello, do PRN, prega uma revolução capitalista. Aureliano Chaves já admitiu publicamente que as empresas públicas só serão mesmo do público quando privatizadas. A última adesão ao liberalismo — pasmem todos — foi do candidato do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, conhecido pelo respeito devotado por seu ouvido às palavras sempre estatizantes de seus companheiros de roda de *poire* Severo Gomes, Fernando Gasparian e Renato Archer.

Em campanha em Peruíbe, no litoral paulista, o veterano comandante peemedebista não deixou dúvidas quanto à sua conversão. Comentando as decisões anunciadas pelo presidente eleito da Argentina, Carlos Saul Me-

nem, para conter a hiperinflação, Ulysses disse que "cada país tem suas peculiaridades, mas, no caso brasileiro, a regra deve ser privatizar".

Como no caso do senador Mário Covas, não há notícia de uma atuação de Ulysses como presidente do Congresso Constituinte que tenha sido minimamente coerente com essa sua nova posição privatista. O súbito surto liberal que assalta, de surpresa, a campanha eleitoral brasileira não resulta de atitudes políticas passadas dos conversos, mas certamente de conselhos de seus estrategistas de *marketing* eleitoral, preocupados com a verdade elementar de que o liberalismo conquista o eleitorado, ao contrário do dirigismo econômico estatizante, hoje um artigo fora de moda nos palanques.

O senador Mário Covas conduziu sua bancada a votar dispositivos importantes da nova Constituição capazes de assegurar ao Estado o controle da economia. O deputado Ulysses Guimarães — que, no mesmo discurso em Peruíbe, se jactou de exercer, com o PMDB, um controle sobre o Congresso não partilhado por nenhum outro líder ou outro partido — também preferiu seguir as posições xenófobas de seus amigos Gasparian, Archer e Severo Go-

mes, não contribuindo para que fosse aprovada uma só medida para facilitar a privatização de empresas estatais.

O senador Mário Covas se disse inspirado nos sociais-democratas europeus, cujo pragmatismo garantiu acompanhar. O deputado Ulysses Guimarães preferiu citar o exemplo da conversão do peronista Carlos Saul Menem ao liberalismo. Mesmo sendo de bom tom dar boas-vindas ao liberal converso, é preciso, antes, perguntar-lhe se a conversão é mesmo sincera e se resultará em providências administrativas práticas. Em segundo lugar, não se pode omitir que, mesmo quando parece caminhar para a modernidade, o velho político brasileiro está sempre ancorado em algum porto do passado: é uma ironia da História o fato de, ao aderir ao moderno pragmatismo político, o comandante do maior partido brasileiro o faça a reboque de um líder devotado à causa do general Juan Domingo Perón, símbolo do populismo e do atraso nas fórmulas políticas sul-americanas. Do discurso de Ulysses em Peruíbe fica — por isso — a impressão de que se lhe pode atribuir a frase do deputado Fernando Lyra (PDT-PE), ao definir o governo Sarney: "É a vanguarda do atraso".